

MANIFESTO

Sírio Possentiⁱ

Comentário do Editor

Os discursos nunca circularam tão velozmente, todo discurso é dado à interpretação, nunca se pode ser neutro, são essas as máximas de entrada na fala do professor-pesquisador Sírio Possenti neste texto de editorial. Com a maestria que lhe é peculiar e com a perícia que é natural a sua leitura das manifestações linguísticas e culturais, o professor Sírio Possenti nos presenteia aqui com uma fala que realça as sinuosidades atreladas à tarefa de ler e analisar os discursos, na perspectiva de destacar o condicionamento histórico do(s) sentido(s). Ao falar sobre as operações alinhadas pelas mídias na produtividade de discursos afirmativos, o nosso convidado destaca não apenas as nuances das crenças que balizam as condutas dos sujeitos na sociedade de hoje, mas, também, estende uma crítica minuciosa às conveniências que tais crenças asseguram a seus idealizadores. Com a afirmação de que “não se acredita em qualquer coisa, mas só naquelas que batem com o que se espera”, o professor-pesquisador Sírio Possenti nos convida a pensar nos entremeios, nos atravessamentos e nas miras que os discursos carregam e com as quais eles, os discursos, tocam e enxertam nossa forma de pensar e agir no contexto social.

A problematização aqui conduzida ratifica a necessidade de nós pesquisadores procedermos com uma investigação linguístico-discursiva a partir dos prospectos materiais oferecidos pela mídia na cobertura dos acontecimentos e, neste sentido, torna-se imperativo olhar a experiência política da vida em sociedade, entender que somos, nós todos, constituintes e pertencentes a uma mesma densidade histórica.

Conforme nos diz o professor Sírio, é preciso intervir. A tarefa do analista do discurso é então ferramenta que catapulta a leitura sobre o que somos hoje e, para além disso, nos direciona para o trabalho com uma análise discursiva que seja capaz de pôr em suspenso as coisas ditas nas interseccionalidades, as verdades asseguradas nas lutas, as posições assumidas nos engajamentos. É sob este portento das palavras de nosso convidado que apresentamos e oferecemos ao leitor as direções de sua reflexão neste editorial.

Sírio Possenti é Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, fez mestrado e doutorado em Linguística na Universidade Estadual de Campinas na qual é, atualmente, professor titular no Departamento de Linguística. Atua em diversas áreas da Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, principalmente na subárea da Análise do Discurso, em especial nos campos do humor e da mídia. Coordena o Centro de Pesquisa FEsTA (Fórmulas e estereótipos: teoria e análise), que reúne pesquisadores de diversas universidades. Publicou alguns livros, dentre os quais "Os humores da língua", "Humor, língua e discurso" e "Cinco ensaio sobre humor e análise

do discurso" e fez diversas traduções no campo da análise do discurso, com destaque para "Gênese dos discursos" e "As fórmulas filosóficas".

As obras do professor Sírio Possenti constituem-se como referências de leitura indispensável para os linguistas brasileiros, em especial, para aqueles que se dão à lida com os discursos, sentidos e humor. Suas produções são consideradas balizas para a investigação linguística no país e fora dele e, nesta edição da Revista Saridh, suas palavras nos oferecem estímulo para uma reflexão urgente e necessária à compreensão do fenômeno social e do sujeito. Somos, todos nós leitores, agraciados pela leveza e propriedade do texto de Sírio Possenti. Ao aplaudir aqui a presença do nosso convidado, lançamos o convite à leitura.

Estamos na era dos discursos. Quem escreveu isso foi Maingueneau. Pode-se mostrar que essa tese é verdadeira de muitas formas. Duas são as principais.

A primeira é que os discursos nunca circularam tão velozmente. Alguém profere uma frase em qualquer lugar e logo o mundo todo toma conhecimento dela. Nem é necessário que seu autor seja uma autoridade. Pode ser qualquer pessoa. Especialmente se fizer parte de um grupo qualquer. Logo as redes a disseminam.

A segunda é que imediatamente essa fala passa a ser interpretada. Às vezes de formas que podem parecer estranhas a uma certa tradição (a dita culta). Discute-se seu sentido, seus efeitos, seu peso político, ideológico, esportivo, religioso...

Todo discurso demanda interpretação. Nenhum pronunciamento parece ser unívoco, ter um sentido óbvio. Assim, fica claro que as línguas – e mesmo outros sistemas de signos, como fotografias ou charges – não são simplesmente códigos compartilhados, capazes de significar o mesmo para todos. Cada palavra, cada frase, cada imagem é objeto de debate, esquadrihada, seu contexto é explicitado (ou abandonado), com o objetivo de descobrir seus efeitos.

Uma das características dos discursos é a restrição da liberdade do sujeito, seja o “falante”, seja o “ouvinte”. Ninguém pode dizer simplesmente o que quer (nem entender livremente).

Aliás, um dos principais equívocos da atualidade é considerar que certas regras discursivas se tornaram frouxas. Talvez a frase que melhor expresse esta posição seja a de Umberto Eco, que se tornou famosa: qualquer imbecil pode falar de qualquer assunto.

Mas parece necessário verificar se isso é verdade. Parece que não. Os “imbecis” que “dizem qualquer coisa” não dizem qualquer coisa. Dizem o que suas crenças admitem – por mais desinformadas que pareçam aos outros. Os grupos de *WhatsApp* mostram isso muito bem: ninguém está em qualquer grupo, mas apenas naquele(s) em que pode falar “o que quer” (isto é, o previsto) e pode ler de certa maneira o que lhe dizem. Não se acredita em qualquer coisa, mas só naquelas que batem com o que se espera.

Observe-se que essa regra vale tanto para as *fake news* mais rasteiras quanto para os discursos mais sofisticados, incluindo os teóricos e os acadêmicos: cada um tem sua “biblioteca”, o que sempre implica excluir outras obras, outras teses.

Diante disso, o que fazer quando se faz análise do discurso? Uma versão sugere que a principal função do analista é interpretar (porque haveria sentidos ocultos). Outra versão sugere que se deve verificar por onde os discursos circulam. Ainda outra (mas as três não se excluem), diz que se deve denunciar o poder, mostrar onde e como ele é exercido. E que, mesmo que ele esteja em toda a parte, pesa mais sobre os desafortunados.

Não se pode ser neutro. Nem seria possível não analisar. É preciso intervir (a afirmação-tese ecoa a célebre frase de Marx sobre o papel da filosofia). Assim, os analistas do discurso decidem (ou não podem fazer outra coisa?) analisar corpora que permitam denunciar ideologias e poderes que pesam sobre os discriminados, as minorias. Como ocorre no campo do humor, deve-se escolher os poderosos como alvos.

E esta decisão é justa. E necessária.

ⁱ Professor Titular no Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Coordenador do Centro de Pesquisa FEsTA (Fórmulas e estereótipos: teoria e análise), que reúne pesquisadores de diversas universidades. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A
E-mail: sirio@iel.unicamp.br
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0113877782649597>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3358-4984>